

Joyce Mansur – *Gritos Rasgos e Rapinas: 23 poemas de Joyce Mansour*

Trad. de Eclair Antonio Almeida Filho, prefácio de Claudio Willer. São Paulo: Lumme, 2011.

Ana Helena Rossi

Universidade de Brasília
ahrossi@yahoo.fr

O livro *Gritos Rasgos e Rapinas: 23 poemas de Joyce Mansour* publicado pela editora Lumme de São Paulo em 2011 apresenta 23 poemas da poetisa egípcia de língua francesa Joyce Mansour, traduzidos por Eclair Antonio Almeida Filho, tradutor de poesia e professor do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília.

A organização interna dos 23 poemas traduzidos demonstra um cuidadoso trabalho editorial que cobre um período de 50 anos de produção poética, de 1953 até 2002, inclusive com textos póstumos. O critério de apresentação e de organização interna é cronológico. Os cinco primeiros poemas (“Le clou plante dans ma joue céleste”, “Reçois mes prières”, “Le vide sur ma tête”, “Il a peur il s’agite”, “Îles des maladies”) foram selecionados do livro *Cris*, publicado em 1953. Cinco outros poemas (“Invitez-moi à passer la nuit dans votre bouche”, “C’était hier”, “Les murs s’élèvent”, “J’ai planté une main d’enfant”, “La marée monte sous la lune pleine des aveugles”) foram selecionados a partir do livro *Déchirures* publicado dois anos mais tarde, isto é, em 1955. Os três poemas seguintes (“Chant arabe”, “Je rêve de tes mains silencieuses”, “Noyée au fond d’un rêve ennuyeux”) foram selecionados do livro *Rapaces*, publicado em 1960. Os cinco poemas seguintes (“Comptine pour une courtisane”, “L’appel amer d’un sanglot”, “Heureux les étourdis”, “Parce que j’ai tout la vie devant moi”, “Adieu vieilles terres”) foram selecionados a partir do livro *Carré Blanc*, publicado em 1965. Dois outros poemas (“Le grand jamais”, “L’impudeur jusque dans les aliments”) foram selecionados do livro *Faire signe au machiniste*, publicado em 1977. Dois outros poemas (“Brûler de l’encens dans la quietude d’une chambre”, “Ne jamais dire son rêve”) foram selecionados do livro *Flammes immobiles*, publicado em 1985. E por fim, um poema (“Bleu comme le désert”) selecionado a partir de textos póstumos.

Como no Brasil existem poucas traduções dos poemas de Joyce Mansour, essa iniciativa da editora Lumme traz ao cenário nacional importantes poemas que caracterizam o período surrealista na França.

No nosso entendimento, a tradução dos poemas pauta-se por um paradigma que remete ao texto original, com alguns distanciamentos que discutiremos abaixo a partir de um critério específico. Tomemos como exemplo o poema “Canto árabe” cujo título explicita uma referência a um canto da África do Norte no momento da morte, e – talvez – mais especificamente do Egito onde cresceu Joyce Mansour. A dificuldade de traduzir esse título – alguns versos do poema – reside na opacidade do aspecto cultural que está expresso na língua da poetisa. Assim, no ato de traduzir, o que é difícil não é traduzir o vocábulo em si, mas muito mais do que isso, é a dimensão cultural que toda linguagem carrega, e que particulariza uma dada cultura. Portanto, no ato tradutório é de fundamental importância conceber a língua como língua-cultura, e focar a dimensão cultural, pois a dificuldade para o tradutor é compreender o que particulariza uma língua em relação a uma dada cultura. Isso implica uma repercussão direta sobre a escolha do vocabulário. No caso, a dificuldade para o tradutor é entender a dimensão cultural explicitada no título. No verso 3, por exemplo: “*Ouatées de silence elles frôlent le bras sur l’oreiller*”, o particípio passado “*ouatées*” refere-se ao substantivo “*ouate*”, que é um material têxtil composto principalmente, mas não apenas, de

algodão¹. No texto em francês da poetisa, lê-se “*ouatées de silence*”. No caso, a hipótese aqui a respeito da utilização desse participio é de caracterizar o espesso silêncio no momento do passamento e da morte. A solução encontrada pelo tradutor “Guarnecidas de silêncio elas roçam o braço sobre o travesseiro” contempla essa dimensão cultural expressa pelo silêncio nesse momento específico, apesar de o vocábulo “guarnecidas” não trazer essa referência ao “algodão/ouate”, e nem à cor branca do “*ouatées*”.

Esse pequeno exemplo ilustra a complexidade do processo tradutório quando se pretende objetivá-lo. E, para tal, observa-se que a dificuldade da tradução reside na dimensão cultural do vocábulo utilizado no texto, isto é, a ligação íntima entre língua e cultura.

¹ Segundo o dicionário ATILF: **A.** – Bourre de matière textile (surtout de coton) préparée pour garnir les doublures de vêtement, la literie, pour rembourrer les sièges. ”Ouate de chanvre, de laine, de soie; couverture d’ouate; jupe doublée d’ouate. Une vieille robe de chambre en calicot imprimé, dont la ouate prenait la liberté de sortir par plusieurs déchirures” (BALZAC, *Cous. Pons*, 1847, p. 178). Un tailleur bulgare avait voulu avantager ma vareuse en la matelassant de ouate à la poitrine et aux épaules (VERCEL, *Cap. Conan*, 1934, p. 167).

— Spécialement

1. Coton traité pour absorber aisément les liquides, purifié et blanchi, utilisé pour les pansements ou les soins d’hygiène. “Ouate chirurgicale, un paquet d’ouate hydrophile; tampon d’ouate. Il se contenta d’envelopper le pied et le genou dans de la ouate, qu’il maintint ensuite avec de la toile cirée (ZOLA, *Joie de vivre*, 1884, p. 837). Il tamponnait (...) à petits coups, d’un morceau d’ouate imbibé d’éther, sa cuisse nue” (BERNANOS, *Joie*, 1929, p. 635). (Disponível em: <<http://atilf.atilf.fr/dendien/scripts/tlfiv5/advanced.exe?8;s=902493705>>. Acesso em: 05 maio 2012).